

ESTE ALMANAQUE PERTENCE A:

---

.v .z  
.k .h .p  
.q .t .a .x  
.e .m .i .s .j  
.d .w .b .r  
.y .j .n  
.g .c .u .o  
.f

# CONTEÚDO

---

## INTRODUÇÃO

O fim da trilogia

## PRIMEIRA PARTE: FIM

1. Começo
2. O fim das coisas
3. Meio

## SEGUNDA PARTE: NOVO EU?

4. Ser
5. Ser humano
6. Ser trans-humano
7. Ser mil
8. Ser multi
9. Ser Deus

## TERCEIRA PARTE: NOVO NÓS?

10. Nós
11. Nova ecologia
12. Nova educação
13. Novo trabalho
14. Nova organização
15. Nova política

## QUARTA PARTE: NOVO MUNDO?

16. Nova
17. Nova realidade
18. Nova alimentação
19. Nova lógica
20. Nova(s) economia(s)
21. Nova arte
22. Nova moda

*Gratidão*

---

INTRODUÇÃO

# O fim da trilogia

Rio de Janeiro, 30 de julho de 2017

Este vai ser meu terceiro livro, e eu estou feliz e ansioso em começar a escrevê-lo. Nossa, quanta coisa aconteceu — comigo e com o mundo. Para você ter uma ideia, comecei a escrever o primeiro no dia em que comprei meu primeiro iPhone, um iPhone 3. De lá para cá... Minha sensação é de que estou escrevendo de um novo mundo. Nada é igual (isso inclusive me desafiou a pensar muito sobre o que eu iria escrever).

No primeiro, *A moda imita a vida*, falei sobre as similaridades entre uma marca e um ser humano. E também sobre a seleção natural, que privilegia quem (pessoas e marcas) é mais relevante — em termos de conteúdo e inovação. Era o auge da autopublicação, e as marcas estavam começando a entender como se comunicar diante de um novo mundo, pautado pela internet comercial.

Em *Moda com propósito*, acrescentei mais uma *tag*: a consciência (para mim, um dos maiores benefícios da internet na nossa vida). Ela passou a guiar a busca pelo propósito, pela verdade e pela autenticidade das marcas (e das pessoas). Foi quando o propósito entrou na moda, e não paramos mais de ouvir falar sobre ele.

Pois bem, a seleção está acontecendo. Os últimos anos foram fatais para grandes marcas já conhecidas. Muitos estabelecimentos fecharam. Muita gente faliu. Tantos entraram em crise. Quem não for capaz de inovar, se adequar ou reinventar, diante das novas demandas de um novo perfil de consumidor e mercado de trabalho que está aí, não terá vez no novo mundo.

Depois da revolução digital, tudo vem mudando exponencialmente

mais rápido. Para onde vamos? Eu continuo me perguntando. O surgimento de novas ferramentas e de uma nova consciência tem sido beneficiado acelerado pela tecnologia. Enquanto nossa mente e nosso corpo (feito de trilhões de células) passam por incontáveis transformações e mutações a cada segundo.

Daqui para a frente nada será igual (como nunca é). A tecnologia mudará tudo: do sequenciamento genético à nanotecnologia. A inteligência artificial e a robótica criarão cada vez mais máquinas para substituir humanos. O que acontecerá com o mercado de trabalho? A medicina será capaz de combater cada vez mais doenças (já há quem acredite que a chamada geração Y viverá até 150 anos) e inclusive a morte (já parou para pensar em como será a vida se ela não tiver mais fim?).

O improvável aconteceu: Trump eleito. Pabllo Vittar no *Domingão do Faustão*. Anitta, segunda brasileira a aparecer num programa de TV aberta dos Estados Unidos (a primeira foi Carmen Miranda). Kanye West e Luciano Huck para presidente (será?). De acordo com o livro *Homo Deus*, as guerras se tornaram obsoletas. A fome está desaparecendo. A morte é um problema técnico que em breve será resolvido.

E o futuro já está aí (ou não). O mundo está pedindo arrego — desastres ambientais, o aquecimento global e a escassez de água já são realidade em grandes cidades no Brasil e no mundo. Cientistas apontam que estamos prestes a viver o sexto evento de extinção em massa na Terra. E como fica a relação entre pessoas e organizações? Organizações e pessoas que, para o bem ou para o mal, contribuem tanto com esse cenário. Estamos preparad@s para tantas mudanças? Somos realmente capazes de mudar? O que precisa ser feito?

Por mais que se fale muito em propósito — e ele também tenha sido “produtificado” pelo mercado —, poucas organizações e pessoas encontraram o seu (você encontrou?). Alguns conseguiram, mas nada de mais aconteceu (aconteceu com você?). Outros continuaram contribuindo para a produção e o consumo de coisas de que não precisamos, para comprar com o dinheiro que não temos. O comportamento do consumidor mudou (!).

“Seja a mudança que deseja ver no mundo” é o que ouvimos desde Gandhi. “A mudança precisa acontecer dentro de você.” Diante de tantas transformações (necessidades e oportunidades), mudar também virou

questão de sobrevivência. Certo, mas e quando é muito difícil mudar? (Simplesmente porque as coisas não mudam tão rápido quanto a gente.)

Esses questionamentos me levaram a revisitar meus primeiros livros (não se espante de encontrar alguns trechos reproduzidos aqui) e a refletir um pouco sobre o que mudou. Depois do primeiro lançamento, deixei a FARM, um “emprego dos sonhos”, que por dez anos me permitiu conhecer pessoas incríveis e realizar e aprender coisas incríveis. Me deu projeção, fama e dinheiro, mas um dia parou de me fazer feliz. Rodei o mundo, me aventurei como empreendedor (cofundador) da MALHA, e depois diretor criativo da AHLMA, marca do Grupo Reserva. Parei de comer carne e voltei, depois parei de novo.

Quem já leu meus livros sabe que eles não são somente sobre moda. E, de tanto ouvir dentistas, advogados, bombeiros e uma porta-bandeira (fofa) dizendo que leram e amaram, decidi focar menos ainda na moda. Decidi falar sobre gente. Sobre o mundo e as principais tendências de comportamento de hoje. (O início de qualquer trabalho científico começa com o mapeamento do que está disponível. Em seguida, vem a inovação. Se quisermos transformar, conhecer é o primeiro passo.)

Decidi escrever sobre a nova educação, alimentação, política, economia, ecologia, ciência... porque entendi que nada muda sozinho (e uma coisa pode gerar insight para outra). Até porque está tudo conectado. A “nova moda” não será feita sem uma nova consciência ambiental e política. Novas organizações não surgirão sem uma nova educação. Um novo jeito de se alimentar não existirá sem uma nova economia e uma nova moda. E por aí vai.

Terminei *Moda com propósito* com a frase “Até a próxima viagem”. Pois bem, a viagem de agora é para o futuro e é uma evolução da jornada que começamos em *A moda imita a vida*. Mas que futuro? (Pode ser o próximo segundo ou microssegundo.) É importante explicar que não me proponho aqui a fazer previsões ou adivinhações. O futuro que se pode prever é uma ilusão. Estou aqui para falar que em vez de tentarmos adivinhar ou até mudar o futuro, neste momento precisamos criar um novo mundo, para que o antigo se torne ultrapassado e o futuro aconteça. Senão, não tem futuro (quando digo isso não estou apenas brincando com palavras).

O futuro é aberto. E depende de todos nós. Nossos ancestrais olhavam

para as estrelas e escreviam nas paredes das cavernas. Nós olhamos para o lado e usamos o celular. (Qual foi o ganho? Qual foi a perda?) Este é o momento de meditarmos sobre o mundo em que queremos viver. O reconhecimento de que temos necessidade de uma nova lógica não é novo, então não vou ficar repetindo isso toda hora. Já entendi que esse nível de consciência não pode ser imposto. Ele é vivido. Sentido na pele. Logo, quem vai chegar às conclusões aqui “do que vai acontecer no futuro” é você (mas vou dar algumas pistas, hehe, fique tranquil@).

Se esta é sua primeira vez comigo, vale explicar: isto não é um livro, é uma conversa. *A moda imita a vida* foi pensado como um caderno de perguntas, para estimular o autoconhecimento de pessoas e marcas. *Moda com propósito* é um grande manifesto com o objetivo de nos sensibilizar sobre a necessidade de uma vida com mais significado.

Este que você abraça agora é um almanaque que coleciona movimentos relevantes que estão acontecendo no mundo e impactam na nossa existência, na nossa alma. Mudanças extremamente profundas na consciência, nos sistemas sociais e no mundo. Mudanças crescentes neste momento de transição humana e evolução cósmica.

Almanaques surgiram como publicações (originalmente anuais) com datas dos principais movimentos astronômicos (como os solstícios e as fases lunares), mas atualmente englobam outras informações pertinentes a vários campos do conhecimento.

Aqui, cada capítulo relaciona-se a um movimento do mundo (ou uma macrotendência, se assim você entender). Começa com a sugestão de uma música para ouvir lendo, seguida de uma reflexão sobre o novo mundo que começou a surgir em mim, e termina com uma seção de aprofundamento, com dicas de livros, documentários e algumas ideias relacionadas ao tema, além de sugestões de perguntas para meditar. Encontre um lugar em silêncio para pensar sobre isso.

Vale frisar que as ideias apresentadas aqui são mutantes — como tudo que está no mundo. A qualquer momento, podem se atualizar — como num almanaque. Nada do que escrevo pretende se tornar uma verdade absoluta, certo?! Inclusive eu espero daqui a um tempo reler este livro e ver que penso totalmente diferente (como fiz com os dois anteriores em alguns pontos), pois isso comprova que estou em movimento. O mesmo deve valer para você.



Assim como as ideias propostas pela ciência, elas têm que viver o processo de aperfeiçoamento que surge com o feedback e a troca. A todo momento você está convidad@ a concordar, discordar e debater comigo — risque, rabisque e anote (e quando eu perguntar é para responder, rs). Aproveite para acompanhar no Spotify as músicas que permeiam este livro: <[bit.ly/VivaoFim](https://bit.ly/VivaoFim)>. Fale alto, como se estivesse falando comigo (é importante materializar pensamentos em palavras). E, se quiser falar de verdade, fique à vontade para me procurar nas redes sociais. Meu perfil é @carvalhando (onde você não achar é porque não estou lá). E me marque em conteúdos relacionados ao livro, vou adorar vê-los.

Pronto. Agora podemos começar. E vamos começar pelo fim.

---

**PRIMEIRA PARTE**

**Fim**

**QUE TUDO CAIA,  
POIS TUDO RAIA.**

“Pra começar”, Marina Lima e Antonio Cicero

## 1. Começo

Sentei para escrever com uma música na cabeça: “Pra começar/ Quem vai colar/ Os tais caquinhos/ Do velho mundo/ Pátrias, famílias, religiões/ E preconceitos/ Quebrou não tem mais jeito”, da Marina Lima e do Antonio Cicero. Nessa mesma semana soube que o fim do mundo ganhou uma nova data: 15 de outubro de 2017. Foi o que previu o numerólogo britânico David Meade, autor do livro *Planet X: The 2017 Arrival*. Famoso por tentar emplacar teorias conspiratórias, dessa vez ele disse que um tal planeta chamado Nibiru (ou “planeta X”) se chocaria contra a Terra.

Enquanto muitos não dão mais ouvidos a essas previsões, há ainda quem se apavore — e Hollywood lucra horrores a cada ano, sempre com uma nova forma de acabar com o mundo. Mas o fato é que é muito pouco provável que alguma dessas teorias se confirme, pelo menos sem a previsão da Nasa ou de algum cientista de plantão.

O que muitos cientistas apontam é que, em vez de temer esse tipo de catástrofe, devemos temer nós mesmos. Em 2017 também foi anunciado, para um futuro bem próximo, um provável extermínio em massa da nossa espécie — o sexto na história da humanidade. A causa apontada é o desequilíbrio climático, provocado por nosso estilo de vida.

Basta olhar ao redor e ver que nossa espécie mudou o ecossistema global de modo radical. Esse impacto pode ser tão grande quanto o do asteroide que exterminou os dinossauros há milhões de anos. Na Idade da Pedra, nossos antepassados já experimentaram isso, modificando a fauna e a flora, levando à extinção de muitas espécies. Por isso, há quem

acredite que, para salvar o mundo, é preciso primeiro salvar o ser humano.

Ao longo da história passamos por grandes marcos e (r)evoluções que culminaram no momento atual. Pense no Iluminismo, que promoveu intercâmbio intelectual e foi contra a intolerância da Igreja e do Estado; ou na Revolução Francesa, que questionou a hierarquia dos “poderes superiores”. Ambos colocavam o ser humano no centro de tudo, como protagonista da sua própria vida.

No Renascimento, o homem passou a ser a medida de todas as coisas (o humanismo tornou-se o principal valor da época). Evoluiu (ou quase). Virou racionalista, hedonista, individualista, egocêntrico e antropocêntrico (muito). Dando pouquíssimo valor a todas as outras coisas (além do seu umbigo). A partir daí, o homem, soberano, sentiu-se no direito de descobrir, explorar e dominar tudo.

A sede pelo poder e a ambição de crescimento levaram à Revolução Industrial, colocando o foco da sociedade nas empresas, nas fábricas, nos produtos, na publicidade, no lucro. Depois disso, nunca mais fomos os mesmos. O capitalismo e a busca pelo dinheiro tomaram conta de tudo. Perdemos a conexão com tudo que é sutil e imaterial. O “fazer” tomou conta de tudo.

Em dois séculos, as empresas e o sistema capitalista transformaram o mundo e nossa vida. Foram muitas inovações, tecnologias e conquistas. Nenhuma outra criação humana mudou tanto a nossa vida como o capitalismo. Direta ou indiretamente ele impactou de forma positiva a vida de muitos. É sem dúvida o maior sistema de inovação e cooperação social que conhecemos, pois proporcionou a bilhões de pessoas a oportunidade de participar da grande experiência de ganhar o próprio sustento.

Mas parece que muitos se atrapalharam, sem saber lidar com essa fonte de energia que é o dinheiro. Começamos a destruir muito de tudo. O dinheiro tornou-se o Deus da economia, favorecendo valores materiais e o ego (diferente do antigo Deus das religiões que privilegiava valores sutis). “Ele” passou a organizar a vida, em torno do produzir e consumir. Perdemos a noção de que recursos são finitos. Passamos a querer cada vez mais.

O capitalismo instaurou a cultura do “ter”. Ela arruinou a vida de

muitas pessoas, que passaram a tomar suas decisões (de compra, carreira a relacionamento) baseadas em quanto poderiam “ganhar” e “parecer”. Programas mentais de medo, escassez, concorrência e sofrimento tomaram conta do mundo. Apesar de tantas maravilhas, a ganância, o egoísmo, a competição, a exploração dos consumidores, funcionários e até mesmo do planeta tornaram-se banais na busca desenfreada por poder, lucro e riqueza.

Tudo passou a ser objeto (enquanto o homem continuava o principal sujeito). A industrialização precisou manufaturar demanda (para possibilitar o crescimento da produção, das empresas). O consumo foi vendido como uma porta de acesso para a felicidade. As pessoas foram estimuladas a comprar mais que o necessário. Então elas compraram, compraram e compraram, mas continuaram infelizes. L

O consumo virou consumismo e pilhou as pessoas num nível de ansiedade extremo. Quanto mais ricos, mais esgotados, dependentes e deprimidos uns se tornaram. Muitos que conseguiram ter abundância material perceberam que não tiveram suas carências imateriais (afetivas, estéticas, sociais, filosóficas...) atendidas. A busca pelo “parecer” gerou uma angústia enorme nas almas. Um desequilíbrio na nossa energia vital.

Muitos enriqueceram, enquanto outros mergulharam em profunda pobreza (1% da população detém 40% da riqueza do planeta — segundo dados do ano de 2015). Chegamos a 7 bilhões de pessoas no mundo, e não há recursos para todos. Estima-se que hoje 20% da população do mundo consuma cerca de 80% dos seus recursos. Enquanto o restante vive com uma série de restrições. Por exemplo, 5 mil pessoas morrem por dia pela falta de água potável, mais de 1 bilhão sequer chega a ter acesso a ela. Esse também é o número de pessoas que estão morrendo de fome apenas hoje.

A biosfera não foi poupada: só nas últimas três décadas, consumimos um terço dos recursos naturais disponíveis. Entramos num processo de autodestruição. Cerca de 40% da área florestal do planeta sofreu algum tipo de degradação. Com isso, um mamífero a cada quatro, uma ave em oito e um anfíbio em três estão prestes a entrar em extinção. Espécies da fauna e flora planetária estão morrendo num ritmo mil vezes mais acelerado que o natural.

Na década de 1980, ambientalistas falavam sobre o alto risco que

corríamos. Dos perigos dos excessos que estávamos vivendo. Do nosso estilo de vida dependente do petróleo, dos gases liberados pelas nossas atividades e das florestas que estavam sendo transformadas em carne para consumo. Mas parece que poucos ouviram. Muitas pessoas e organizações seguiram como se nada estivesse acontecendo (de olho no próprio umbigo). Agora, estima-se que em 2030 precisaremos de dois planetas para dar conta de todos os recursos naturais que consumimos. De acordo com a notícia publicada no *Estadão*, de 17 de agosto de 2017:

Estamos no vermelho. A demanda de energia, água, alimentos e matéria-prima para atividades econômicas superou a quantidade que a natureza consegue gerar em um ano: desde o dia 2 de agosto, os recursos naturais para 2017 se esgotaram. A partir desta data, tudo que será usado, produzido ou consumido pertenceria a gerações futuras: é como se, ao invés de pagarmos as contas no débito, estivéssemos jogando nossas despesas para o cartão de crédito. [...] O aumento da população mundial, da renda e do consumo em diversos países e as emissões de carbono são os principais responsáveis pelo esgotamento do nosso orçamento natural.

Em oito meses, esgotamos todos os recursos que a Terra é capaz de oferecer no período de um ano, desde a filtragem de gás carbônico (CO<sub>2</sub>) da atmosfera até a produção de matérias-primas para a alimentação. O fenômeno é calculado pela Global Footprint Network (GFN), uma organização que mede a pegada ecológica do homem no planeta. O Dia da Sobrecarga da Terra tem o papel de denunciar a diferença entre a capacidade de regeneração do planeta e o consumo humano, que gera um saldo ecológico negativo desde a década de 1980. Em 1987, quando começou a ser registrada, a data caiu no dia 9 de dezembro. Infelizmente, desde então, esse dia chega mais cedo a cada ano — em 2018 foi em 10 de agosto.

Quando a Eco-92, realizada no Brasil, voltou a falar alto sobre o assunto, as previsões eram concretas e com data marcada. E ela chegou/está chegando, sabia? Os perigos hoje são tão grandes e estão tão próximos que podem gerar uma destruição total. Eles se traduzem na perda de bens e serviços ambientais, escassez (e aumento de preço) de alimentos e desequilíbrio climático. Não é à toa que hoje é impossível sabermos se vai fazer frio ou calor no verão ou no inverno. Não é à toa

estarmos vivendo os dias mais quentes da história. Combater as mudanças climáticas provocadas pela atividade humana e industrial é o nosso maior desafio hoje — cujo sintoma principal é o desequilíbrio do sistema hídrico, causado pelo aumento da temperatura da Terra.

Pense em geleiras derretendo — a camada polar do Ártico já perdeu (derreteu) 40% de sua espessura nos últimos quarenta anos e pode desaparecer até 2030 —, continentes sendo inundados, países inteiros submergindo, enquanto outros secam, sofrendo cada vez mais com a falta da chuva, o que vai deixar a energia e a água cada vez mais caras (e raras). No fim de 2017, a Nasa divulgou o resultado de algumas pesquisas que comprovam o aumento do nível do mar de 3,3 milímetros por ano, desde 2015, no Rio de Janeiro, em decorrência do derretimento da neve na Groenlândia. Além do Rio, outras 293 cidades litorâneas do mundo também já sofrem essas consequências.

Pense na falta de água na sua casa (como já está acontecendo em vários lugares no Brasil). Hoje ela já está escassa para 2,8 bilhões de pessoas, e serão 4 bilhões em 2030 — quase metade da população estimada. Para dar conta do crescimento, precisaríamos aumentar em 44% a produção de energia elétrica. Com isso, mais devastação para construir hidrelétricas, menos água, mais dinheiro... Num cenário extremo, podemos presenciar uma extinção em massa na Terra como na época dos dinossauros.

Mas continuamos sem compreender que temos responsabilidade nisso tudo. Somos parte deste grande organismo vivo chamado planeta Terra. Fato é que, ao longo da nossa evolução, fomos perdendo essa consciência. Perdendo a nossa conexão com a natureza, esquecendo que ela também é (nossa) vida (as plantas, a água, as pessoas, os animais...). Deixamos de nos ver como parte da natureza e do outro. Assim perdemos o nosso propósito com o planeta, e pessoas e organizações se construíram durante muito tempo apenas para satisfazer seus próprios interesses. E tudo começou a ruir.



## APROFUNDAMENTO



### Para assistir:

■ *The Rise of Lowsumerism* (documentário)

Para entender as mudanças de hábitos de consumo no século XXI e os efeitos disso no planeta Terra.

■ *Home: Nosso planeta, nossa casa* (documentário)

Para ver como a humanidade está ameaçando o equilíbrio ecológico.

■ *Uma verdade inconveniente* (documentário)

Para entender conceitos básicos, como o “efeito estufa”.

■ *A última hora* (documentário)

Para ouvir 54 especialistas que falam de forma bem esclarecedora sobre as mudanças climáticas, tendo como foco as pessoas e suas histórias.

■ *Seremos história?* (documentário)

Para se aprofundar em uma análise madura do nosso estilo de vida, que pode dar fim ao planeta da forma como o conhecemos.

■ *Zeigist: The Movie* (documentário)

Para entender os efeitos das conexões de grandes poderes como religiões, mercado financeiro e política internacional.

■ *Capitalismo: Uma história de amor* (documentário)

Para questionar o capitalismo: Michael Moore, por meio de dados e índices econômicos, mostra as pessoas que são prejudicadas por esse sistema econômico.

■ *Aftermath: Population Zero* (documentário)

Para imaginar uma terra sem seres humanos, vários cientistas traçaram um panorama sobre o assunto. É impressionante.

**O PASSADO É  
UMA ROUPA  
QUE NÃO NOS  
SERVE MAIS.**

“Velha roupa colorida”, Belchior

## 2. O fim das coisas

Sem levar em conta as previsões catastróficas, as crenças e o debate sobre se vai ter fim do mundo ou não, uma coisa não podemos negar: o mundo que conhecemos quando nascemos acabou. Perdeu o sentido. Caiu. Outro dia fiz uma lista das “coisas” que eram mais importantes na minha infância/adolescência. Telefone, fotografia, música, escola, família... Acabou/mudou/transformou-se. Com elas se foi o mundo (pois essas coisas nunca estão isoladas, elas se conectam e integram o todo). Um dos papéis deste livro é falar sobre essas transformações e entender as necessidades e as possibilidades de transformação a partir delas.

Virou clichê dizer que o mundo mudou (por isso prefiro dizer que ele já acabou), pois hoje tudo muda tão exponencialmente mais rápido (para extremos) acima de qualquer margem de comparação. Ray Kurzweil, um dos maiores futuristas da atualidade, diz que os próximos cem anos trarão um impacto de inovação equivalente aos últimos 20 mil anos. Mesmo assim, ainda vivemos como se estivéssemos no velho mundo. Há luta (interna e externa) e choque de realidade por todos os lados. Uma nova economia engasgada, em trabalho de parto, e negócios surgindo em meio a essa transição com novos valores, mas sendo obrigados a se encaixar em antigos padrões (é o exemplo do Uber e do Airbnb).

Recentemente participamos de uma grande revolução digital. Ela tirou a hegemonia do poder das organizações e da mídia e o colocou novamente nas mãos nos dedos de todos. Graças a nossa estimada rede mundial de computadores, as pessoas voltaram a ter o controle e a ser o

centro e o foco de tudo. A rede espalhou conhecimento, disseminou informações e deu a chance de as pessoas se expressarem (publicarem), se conectarem entre si. Mudou o funcionamento tanto doméstico quanto profissional de todas as coisas. Mudou nosso modelo mental de pensamento.

Pense no telefone. Passei minha adolescência disputando com minha irmã o aparelho de casa — enquanto meu pai disputava com meus tios quem ficaria com a linha herdada pela minha avó. Isso porque telefone valia e gastava dinheiro. Valia vender para ajudar na entrada do apartamento próprio. E todo fim de mês era uma briga pelo valor da conta. Mobilidade era um fio grande que andava pela casa. E celular era luxo.

Até que veio o iPhone. E nossa vida nunca mais foi a mesma. A forma de se comunicar, trabalhar, namorar, pesquisar, comprar (e tudo mais que você puder pensar) mudou completamente. Antes, para ter um “negócio” era preciso uma sede, funcionários, equipamentos, enquanto hoje basta ter um iPhone e vários negócios se viabilizam. Depois disso tudo foi caindo em cascata.

A internet clareou a noção sobre a teoria da complexidade (já falada há muito tempo, desde Aristóteles). Hoje começamos a entender (e permitir) novas formas de organização, cada vez mais sofisticadas, cada vez mais ricas em autonomia e informações. A rede encerra o modelo de centralização, no qual todas as coisas (o poder, a informação, a produção, o dinheiro...) partiam de um único ponto, e põe em seu lugar infinitas novas possibilidades.

Os modelos de educação criados no fim do século XVIII e que continuam até hoje não fazem mais sentido. Prova é que no Brasil há um terço de evasão de todos que entram para as escolas e faculdades. Já é flagrante que estamos preparando pessoas de forma errada, no tempo errado, para empregos errados — que em breve deixarão de existir.

O mercado segue em ebulição. Thomas Frey, do DaVinci Institute, diz que 60% das profissões que dominarão os próximos dez anos ainda não existem. O CBRE Institute publicou uma pesquisa dizendo que 50% das profissões de hoje se tornarão obsoletas até 2025. Enquanto John Chambers, CEO da Cisco, aposta que 40% das empresas existentes não estarão mais no mercado ao fim dos próximos dez anos.

Os formatos de trabalho também deixaram de fazer sentido. Hoje trabalhar sem propósito é inviável. O modelo “oito horas por dia” já não cabe a muitas carreiras, se considerarmos o tempo de deslocamento, a facilidade de fazer coisas remotamente e a vontade de fazer mais de uma coisa por vez.

Outra lembrança que tenho da infância são meus aniversários no McDonald's. Em 2014 pela primeira vez a rede encolheu 2%. Além do seu cardápio ter se transformado, surgiram alternativas, como o Chipotle, um fast-food que não é rápido (a espera é de pelo menos quinze minutos), não é barato (custa 15% mais que a concorrência), não tem variedade (o menu traz apenas cinco itens), não faz ofertas nem anuncia na TV, não tem sobremesa ou cafezinho. A rede de comida mexicana é um fenômeno nos Estados Unidos, cresceu 28% em 2014.

Assim como o fast-food, o fast-fashion (que também faz mal à saúde e ao meio ambiente) já começa a ser visto de forma diferente. A grande prova é o aumento de iniciativas “*slow*” que vem crescendo na moda. Na real, o mercado de roupas como um todo deve se transformar. Afinal, quem precisa de roupas para se expressar, se as redes sociais fazem isso de graça? Esse é um dos motivos pelos quais as roupas como conhecemos hoje estão com os dias contados.

A crise financeira, o aumento com as preocupações ambientais e as infinitas experiências possibilidades que o mundo proporciona hoje também são fatores importantes que estão balançando o mercado. O aumento do consumo de experiências (viagens, comida, festas...) e tecnologia tem aumentado absurdamente, enquanto o consumo de roupas cai. Em 2017, pela primeira vez na história, a Zara registrou queda de faturamento, grandes marcas tiveram o pior resultado da vida, e tantas outras quebraram ou fecharam.

A revolução tecnológica deve chegar em breve nas roupas, mudando o sistema, como fez com a indústria fonográfica e a de fotos (a Kodak levou décadas para ser erguida e acabou em um dia). Quem imaginou um dia imprimir suas próprias fotos? Por um tempo as levávamos ao laboratório de revelação, esperávamos para que ficassem prontas. Me lembro perfeitamente do dia que uma amiga ganhou uma impressora colorida e fomos à sua casa imprimir fotos. Um dia as impressoras 3-D chegarão à casa de todos, que poderão imprimir roupas e reciclá-las. É bem provável

que nossos armários passem a ser digitais, e como numa grande Netflix a gente escolha o que imprimir enquanto prepara o café da manhã.

A indústria automobilística também deverá se transformar muito daqui para a frente. Numa pesquisa com 3 mil *millennials*, a Scratch, braço de pesquisa da MTV americana, perguntou a eles quais as suas 31 marcas preferidas. Nenhuma marca de carro ficou entre as dez primeiras. Além disso, 46% declararam que preferem acesso à internet a ter carro. Na pesquisa “O sonho brasileiro”, da Box1824, eles disseram que preferem transporte público de qualidade.

Há quem acredite que o carro é o novo cigarro. Algum dia já foi legal desejar ter um, vê-lo em propagandas, filmes... Mas cada vez mais são reconhecidos seus efeitos maléficos. Da mesma forma que há bem pouco tempo muitos babavam com as roupas, compras e sacolas de Carrie, em *Sex and The City*, e as sacolas do filme *Legalmente loira*. Muitos dos nossos valores se transformaram. Antes os sistemas sociais e políticos duravam séculos, atualmente, cada geração rompe com o mundo antigo e constrói um novo.

Em *Moda com propósito* falei sobre o fim da norma: idade, classe social, gênero... Tudo isso está em tremenda transformação e quebra de paradigma. A geração atual é a primeira que mistura tudo e rompe barreiras. O padrão de beleza tem mudado. Idade não determina mais condição e disposição física ou estilo de vida, e pela primeira vez os movimentos de mais vanguarda e transformação parecem estar emergindo não mais das elites, mas sim daqueles que sempre estiveram “à margem”.

Enquanto as pessoas estão se transformando, o mercado está mudando. Há uma “seleção natural” acontecendo neste exato momento. Acredite, não é à toa que tantas marcas estejam passando por dificuldades e até mesmo fechando. Muita gente não acompanhou as mudanças. Parece que não viu. Por isso o mundo está falindo. E não é exagero ou metáfora. Muitos países hoje apresentam níveis altíssimos de endividamento (que para você ter uma ideia nem todo dinheiro disponível no mundo daria conta de pagar), e desde 2010 economistas dizem que em pouquíssimo tempo 60% deles vão quebrar feio.

O que também parece estar chegando ao fim é o mundo antropocêntrico baseado no eu (a qualquer custo) e na competição. Ele

começa a entrar em choque com outro no qual a colaboração e a empatia pedem passagem. Seja por instinto de sobrevivência ou expansão da consciência, esse é o motivo pelo qual acredito que, apesar de todas as más notícias, esse é um bom momento de estar vivendo.

E já parou para pensar sobre o fim do “fim”? Agora estou falando da morte. Sobre o fim da morte. Quer dizer, o fim da morte natural, quando o coração para de bater ou bombear sangue, alguma artéria entope ou as células param de se reproduzir. Alguma “falha técnica”, capaz de ser resolvida. É o que acreditam vários cientistas e pesquisadores modernos. Eles têm entendido a morte cada vez mais como um problema (técnico), algo do passado, que precisa (e pode) ser resolvido.

Grande parte do dinheiro que circula pelo Vale do Silício tem sido investido para resolver esse problema e nos transformar em amortais. Desde 2013, a Calico, subcompanhia do Google, existe com esse propósito. Além disso, o fundo de investimento Google Ventures tem focado fortemente em startups de biociência que tenham projetos audaciosos relacionados à prorrogação da vida.

Especialistas acreditam que a morte natural acabe em torno de 2100. Avanços e altíssimos investimentos em engenharia genética, medicina regenerativa e nanotecnologia confirmam as profecias. E vale também acompanhar as notícias sobre órgãos e tecidos que andam sendo impressos em 3-D. Para quem duvida, basta pensar que gerações passadas morriam de febre, gripe, pneumonia... Basta lembrar que já fomos répteis, macacos... Há bilhões de anos temos sido reprogramados.

## APROFUNDAMENTO



### Para ler:

- *A linguagem das coisas*, de Deyan Sudjic  
Para refletir sobre quanto podemos ser manipulados e seduzidos pelas coisas que possuímos ou que desejamos possuir.
- *O futuro chegou: Modelos de vida para uma sociedade desorientada*, de Domenico De Masi  
Para compreender as diferenças entre as culturas e pensar um modelo de vida a ser almejado para o futuro.
- *A Nova Era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*, de Olavo de Carvalho  
Para entender o fenômeno da Nova Era, além do que se passa no Brasil e de como chegamos até aqui.
- *Gaia: Cura para um planeta doente*, de James Lovelock  
Para refletir sobre a situação da saúde do planeta e perceber que a humanidade é parte do problema.
- *A era do conhecimento: Princípios e reflexões sobre a revolução noética no século XXI*, de Marc Halévy  
Para buscar nosso papel em uma revolução pelo futuro da humanidade. Este é um livro que propõe mudanças radicais do nosso mindset atual.





## Para pensar:

Agora é hora de fechar o livro, desligar o celular, olhar para o céu e pensar: “O que será de nossa vida quando ela não tiver mais fim?”.

Por mais paradoxal que possa parecer, esse sim será o fim definitivo de muita coisa. A partir daí, surgirão novas estruturas familiares, trabalhos, carreiras, relacionamentos...

Quando esse momento chegar, o que já teremos superado? A depressão? A dor? A tristeza? Como ficam o consumo, o varejo e o capitalismo selvagem se não precisarmos mais nos distrair com compras, sexo, drogas...?

**É VOCÊ QUE  
AMA O PASSADO  
E QUE NÃO VÊ  
QUE O NOVO  
SEMPRE VEM.**

“Como nossos pais”, Belchior

### 3. Meio

Estamos vivendo (entre) os melhores e os piores momentos da história da humanidade. Tenho sido bastante inspirado pela física quântica para entender esse novo mundo, e pela astrologia — principalmente por ser uma ciência que acredita na conexão (e na influência) entre homem e natureza — para entender esse momento de transição pelo qual estamos passando.

Por isso tanta mistura de luzes e sombras, incoerências e fatos que não se entendem. Estamos entre histórias. Entre a lógica linear e a exponencial. Entre a escassez e a abundância. A fome e a obesidade. A disseminação de drogas sintéticas para estimular o autoconhecimento, a criatividade e a felicidade e a reconexão consigo (e a natureza) através da ayahuasca.

Lembra que a primeira grande previsão de fim do mundo neste século foi em 2012? Pois bem, ainda estamos aqui. Mas muitos acreditam que naquele momento o mundo começou a acabar. O mundo que conhecíamos se foi, abrindo caminho para um novo mundo e para um importante momento planetário. O “fim do mundo” dava conta de uma alegoria astrológica (mal interpretada) da transição de uma era.

É que, a cada 2160 anos, o Sol nasce na frente da constelação de um signo. Durante esse período, o planeta Terra passa a ser regido pelas características de tal signo (o que caracteriza a sua era). Saímos de Peixes e agora é a vez de Aquário (a sequência de signos vai no sentido inverso da que conhecemos). Mas, além dessa “troca de era”, estamos encerrando

um ciclo de eras (já rolaram eras de todos os signos), o que acontece a cada 26 mil anos (!). Por isso a astrologia diz que não estamos vivendo apenas uma era de mudanças, e sim uma mudança de eras.

Mas a nova era ainda não chegou (e pensar assim nos liberta bastante). A data de início exato de cada era varia muito dentro de várias linhas de pensamento, e basta olharmos para os lados para perceber que ainda estamos em transição. A “nova era” ou a “era de Aquário” vem sendo esperada há bastante tempo, desde o movimento hippie da década de 1960 ou antes (e talvez lá é que ela tenha começado a chegar mesmo).

Assim como a passagem do dia para a noite não acontece de uma hora para outra, existe uma transição, com sobreposição de luzes e sombras, entre as eras. Para alguns, o novo mundo (ou nova era) já chegou e para outros ainda vai chegar. Isso faz com que a gente viva com sentimentos misturados. Enquanto algumas pessoas estão lá na frente, outras estão bem lá atrás. Assim muitos de nós já temos consciência de uma nova era (por isso ela anda cada vez mais sendo tão falada por aí), mas ainda estamos praticando valores do velho mundo.

Não é à toa que cada vez mais pessoas vêm buscando respostas além das ciências, das tecnologias e da matéria. Buscam equilíbrio na alimentação, com a valorização da produção local e a desvalorização de produtos de origem animal, no autoconhecimento, na astrologia, na ioga e na meditação (atividades presentes em muitas organizações e instituições de ensino, para auxiliar no desenvolvimento humano).

Olhe para a *timeline* de qualquer rede social e você verá frases de autoajuda, fotos de ioga e meditação, trilhas e outros modos de contato com a natureza. Mesmo que as pessoas não se deem conta ou muitas vezes estejam somente acompanhando uma modinha (é bem verdade dizer), a transformação do ser tem valor. Talvez seja o início para muita gente.

Por outro lado, ainda há exemplos de sombra. O religioso Marcelo Crivella foi eleito prefeito do Rio de Janeiro em 2017, enquanto falamos de separar religião e política. Al Gore, ex-vice-presidente de Bill Clinton e ambientalista, não conseguiu se eleger como presidente, e Donald Trump com suas ideias à moda do “velho mundo” sim. A cantora drag Pabllo Vittar estourou nas paradas musicais, levantando a bandeira LGBTQs, e figurou em diversas campanhas publicitárias (inclusive para a Coca-

Cola), enquanto o Brasil lidera o ranking mundial de homicídios a transexuais (ONG Transgender Europe, 2016).

Por mais incoerentes que sejam (e muito difícil para alguns aceitar ou compreender), esses movimentos têm o valor da transição. Todos vão nos ajudar a chegar a um novo mundo. Assim como na natureza, nada acontece sozinho ou por acaso. Nas palavras de Mitchell Waldrop:

Essa dança da coevolução produz resultados que não têm nada de caóticos. No mundo real, ela produziu flores que são fertilizadas por abelhas, e abelhas que evoluíram recebendo néctar de flores. Produziu tigres que evoluíram perseguindo gazelas, e gazelas que evoluíram fugindo dos tigres. Produziu milhões de criaturas que estão adaptadas umas às outras das formas mais estranhas e também ao ambiente no qual vivem.

Também me sinto inspirado pelo que dizem filósofos, cientistas e empresários, que estão de olho neste momento. O que os astrólogos chamam de era de Aquário é o mesmo que os economistas chamam de “capitalismo consciente” (e de que os taoistas já falam há muito tempo). É a era do conhecimento para os filósofos, ou era caórdica ou digital para os intelectuais. Enquanto os humanistas chamam de “revolução humana” (um novo humanismo). E os varejistas de “crise”. Quando olhamos de maneira holística e sem preconceito, vemos que existe uma convergência entre tudo, e a certeza de que estamos vivendo modelos ultrapassados.

Estamos num ponto do tempo em que uma era de quatrocentos anos está morrendo e outra está lutando para nascer — uma mudança de cultura, ciência, sociedade e instituições muito maior do que qualquer outra que o mundo já tenha experimentado. Temos à frente a possibilidade de regeneração da individualidade, da liberdade, da comunidade e da ética como o mundo nunca conheceu, e de uma harmonia com a natureza, com os outros e com a inteligência divina como o mundo jamais sonhou.

Quem disse isso foi Dee Hock, fundador da Visa. Já Michael Porter, papa do marketing e da administração de empresas, diz que o velho modelo do capitalismo e da estratégia corporativa está morrendo. “Estamos vivendo uma mudança de paradigma do prejudicar para o

ajudar e isso transforma não só as empresas, mas principalmente o mundo.” Com isso, o próprio conceito de lucro e a finalidade das empresas (que sempre pareceu ser somente faturar) começam a se transformar (ou pelo menos ser questionados).

O último ciclo do velho mundo ficou conhecido como era moderna. Por mais de meio milênio, ela se desenvolveu com base em valores como o humanismo, hedonismo, materialismo, capitalismo, racionalismo, cientificismo, individualismo e outros “ismos”. Ela pariu a economia industrial e capitalista, a política estatista e colonial, alimentando-se do pensamento cartesiano — racional e analítico, mecanicista e determinista.

Com a revolução digital e a chance de conexão entre (quase) todos, aumenta a possibilidade de circular informação. Assim temos a chance de estabelecer uma nova consciência, para que a vida humana ganhe um novo sentido. De individuação e integração. Hoje existem condições mais favoráveis para que as pessoas assumam a sua autenticidade, sua autonomia e sua responsabilidade em relação a si mesmo, ao outro, à natureza e ao mundo, libertando-se assim das instituições que criou (Estado, leis, política...). Mas tudo isso de forma oposta ao humanismo narcisista que já existiu. Agora com a consciência de que somos parte do todo (integrado), e viemos a serviço dele.

Porém essa transição não é fácil. Nossa cultura está totalmente enraizada em padrões antigos, muito destrutivos, que vão contra o nosso desenvolvimento em comunidade. Por milênios operamos em cima de valores como a agressividade, ambição, competição e dominação. Paradigmas muito aclamados (e perseguidos) nos dias de hoje — como colaboração, transparência, afeto e consciência — são o oposto daquilo a que muitos de nós somos acostumados (treinados) desde pequenos.

Por isso talvez tanta dificuldade em fazer essa transição. Minha experiência (inclusive no maior espaço de moda colaborativo do Brasil) me mostrou que muitas pessoas ainda não sabem o que é de fato colaborar. Servir sem esperar nada em troca. Veja bem, eu superacredito em modelos ganha-ganha, em que todos possam colher frutos. Mas não acredito mesmo em modelos em que haja somente (objetivo) ganho financeiro. E o que mais vi foi pessoas dispostas a “colaborar”, apenas

considerando o quanto poderiam ganhar com isso. Muito dispostas a receber e pouco dispostas a doar (seja lá o que for).

Há ainda pouquíssima gente disposta a bancar financeiramente a “nova era”, apoiando marcas e serviços que remunerem de maneira justa todos os envolvidos. Há pouca gente com informação e conhecimento sobre custos envolvidos em negócios e produtos. Poucas marcas e pessoas dispostas a cooperar mesmo, seja por medo de concorrência, seja por falta de visão ou fé. Mas nem por isso sinto que precisamos desistir. Muito pelo contrário. Acho que estamos bem mais para lá do que para cá.

Costumo fazer muitas reuniões em casa, e depois de uma delas, na qual falamos muito sobre tudo isso, Avani, que cuida de mim e da minha casa, veio me perguntar o que há de novo nisso, pois onde ela mora desde sempre as coisas são assim. A troca de bens materiais e imateriais faz parte da rotina de seu bairro. O afeto, a cumplicidade e o senso de comunidade também. Avani explica:

A gente trabalha para ganhar dinheiro para pagar alguém para tomar conta dos nossos filhos. Mas, quando a gente não tem dinheiro para pagar, troca por alguma coisa. Já lavei muita roupa para fora quando meus filhos não estavam na escola. E a gente ainda troca roupa, comida, móvel. Tem sempre que dar um jeitinho! É muito natural isso onde eu moro.

Por essa razão é que muitos acreditam que a nova era seja um resgate de um momento que já vivemos. Nossos ancestrais viviam em comunidade. A nova era é um resgate do que fomos lá atrás. Para muitos a nova era sempre existiu. Em lugares ou civilizações menos urbanizadas, ela simplesmente “é”. Eu (vi)vi isso na África, na Amazônia, em Piracanga e em Rishikesh (Índia) — e vou contar mais adiante algumas experiências. Nesses lugares, existe com uma organização diferente da nossa: a valorização de criatividade, troca, interioridade, espiritualidade, frugalidade, simplicidade, ecologia, fraternidade, qualidade de vida e sensibilidade — mesmo que também diante de dificuldades e adversidades.

Prem Baba chama esse momento pelo qual estamos passando de “*parivartan*”, que em sânscrito significa “transformação”. Para ele, as diversas crises atuais estão a serviço do despertar da consciência coletiva. “Incêndios são importantes para florestas.” Eles contribuem com o

surgimento de espécies novas e mais fortes. Estamos sendo levad@s a reconhecer nossos erros em relação às escolhas que fizemos até agora. Estamos no auge de uma transformação planetária, na qual teremos a chance de transmutar: medo em confiança, sofrimento em alegria, egoísmo em altruísmo, evoluir do paradigma materialista para o espiritual — compreendendo que este último nada tem a ver com atitudes e conceitos dogmáticos, verdades emprestadas ou qualquer tipo de separação e exclusão por crença.

Esse futuro não está (tão) ali na frente. Ele já está misturado no presente. Coisas boas já estão acontecendo. A expectativa de vida da população já é três vezes maior do que há bem pouco tempo. Há pouquíssimas doenças ainda sem cura. A renda per capita é três vezes maior também. A mortalidade infantil diminuiu dez vezes, assim como o custo dos alimentos. O custo da eletricidade é vinte vezes menor, do transporte, cem vezes menor, e o custo de comunicação, mil vezes maior.

Este já pode ser considerado o período mais pacífico da história, com menos guerras. No início de 2018 pela primeira vez tivemos notícias da camada de ozônio se recuperando (bem, a recuperação foi nos polos, enquanto nas áreas mais populosas o quadro negativo persiste, mas já é uma evolução).

Novos arranjos sociais e novas formas de relacionamento que honram (e não isolam) a interdependência e a individualidade de tudo e todos estão surgindo. Grandes mudanças de paradigmas vêm acontecendo. O conceito de “qualidade” já sobrepõe o de “quantidade” para alguns — e temos visto pessoas consumindo menos. O consumo, por sinal, começa a se relacionar cada vez mais com um ato social. No Globo de Ouro de 2018, as mulheres que subiram no palco falaram de assédio e desigualdade de pagamento, agradeceram quem teve coragem de fazer denúncias... e foi isso que mais repercutiu na internet, e não quem vestiu o quê.

A sustentabilidade entrou na moda. Assim como a alimentação consciente, a prática de esportes e a vontade de bem-estar. Nosso olhar tem se tornado cada vez mais holístico. Isso favorece um florescimento. Assim como no Renascimento lá atrás, quando o continente europeu teve acesso a coisas que não conhecia e sofreu transformações bem evidentes na cultura, economia, sociedade, política e religião. Só que naquela época evoluímos de uma realidade feudalista para capitalista. Hoje, com mais



consciência, vamos evoluir para um novo capitalismo. E, em vez de nos tornarmos humanistas antropocêntricos, deveremos voltar a olhar com carinho para nossa espécie.

O mundo será totalmente balanceado por essas transformações. A sociedade atual de consumo, acúmulo e desperdício deve desaparecer pela aplicação sistemática do princípio de frugalidade, que tem a ver com consumir o mínimo e o melhor possível. Ou seja, a economia do consumo dará lugar à economia da... economia J (mas isso sem privação, mesquinharia ou coisa parecida, pela simples consciência de dispensar o que não tem utilidade, entendendo que será preciso gerar mais do que destruimos para viver). Isso valerá para alimentação, lazer, roupas...

Muitos têm se ocupado em dar sentido à vida, não só em fazer dinheiro. O homem que acumulava objetos (em breve teremos vergonha da forma como agimos) cederá lugar ao que cria conhecimento. “Não coisificar nada, por favor” será o novo lema (até porque “as melhores coisas da vida não são coisas” como dizem por aí). A nova riqueza será cognitiva e cultural, imaginativa e artística. O capital essencial de amanhã não será material. Será a consciência, a inteligência, a intuição, a imaginação e a liberdade.

E isso muda tudo na educação, nas organizações, na cidade, no mundo. Tudo em você e em mim. Assim surgem novos movimentos que darão forma (e alma) a este novo mundo. São movimentos de ruptura, de evolução, mas também de resgate da nossa ancestralidade, do que há de verdadeiro e essencial dentro de nós. É o que veremos a partir de agora, em histórias de quem tem se transformado e contribuído para transformar o mundo.

## APROFUNDAMENTO



### Para observar:

A respiração revela a dependência do mundo que nos cerca. Ao mesmo tempo, sugere a conexão com nosso mundo interior (e exterior). Ela também nos lembra de que estamos em constante fluxo. Em momentos difíceis de transição, a respiração acalma. E nos lembra de que somos cíclicos.

Nossa respiração diz muito sobre nós. Repare: O quanto você permite que o sopro da vida flua livremente? Você contrai a sua respiração? Respira lenta ou aceleradamente? Observe.



### Para assistir:

#### ■ *Tempo de espera, tempo de vipassana* (documentário)

Para descobrir o valor do silêncio, a respiração consciente e a autoobservação, em busca de uma melhor compreensão de si mesmo e da realidade.

#### ■ *Free the Mind* (documentário)

Para compreender os benefícios científicos e médicos da meditação.



## Para meditar:

Meditar, fora qualquer conotação esotérica, tem a ver com práticas que nos ajudam a focar a mente num objeto, pensamento ou atividade em particular, visando alcançar um estado de clareza mental e emocional. Não tem a ver somente com esvaziar a mente, como se imagina.

Já está comprovado cientificamente que a meditação pode nos ajudar a superar problemas interiores (como os criados pela raiva, inveja, apego e ignorância), a controlar nossa mente (trazendo paz interior) e a evoluir para estados cada vez mais elevados de consciência. Vamos experimentar?

Para começar, escolha um lugar tranquilo, sente-se numa posição confortável, feche os olhos e se concentre na respiração, para acalmar a mente das distrações. Respire. Sinta o ar fluindo pelo seu corpo. Alongue-se. Permita que entre mais ar.

Quando sentir que seu corpo e sua mente estão calmos, é hora de passar para a segunda fase. A meditação analítica representa um processo intencional de investigação ou de reflexão sobre um tema, analisando vários aspectos e examinando-o de vários pontos de vista.

Dessa vez, proponho que você respire e sinta o mundo à sua volta. O que surgiu de novo? E o que ficou para trás, se transformou, acabou ou perdeu o sentido? Pense em como tudo isso impacta seu trabalho, seus relacionamentos e sua vida. O que precisa ser jogado fora?



## Para fazer:

Gosto muito de rituais. Muitas vezes eles são a chance de materializar intenções que vivem em outros campos. Se você se sentir à vontade, escreva

em um pedaço de papel tudo que percebeu que precisa ficar para trás. Depois queime esse papel e jogue as cinzas em algum lugar representativo para você.



## Para baixar:

Para se aprofundar ou aperfeiçoar a meditação, recomendo estes aplicativos:

- Headspace: desmistifica o que é a meditação. Ideal para quem está começando. (app)
- Insight Timer: oferece mais de 4 mil meditações guiadas em áudio propostas por mais de mil professores. (app)
- Aura: meditações curtas e personalizadas, para fazer todos os dias. (app)
- 5 minutos: feito no Brasil pela ONG Mãos Sem Fronteiras, propõe meditações diárias. (app)
- Medita!: também do Brasil, oferece módulos pagos e gratuitos em vários temas. (app)
- Sattva: monitora os batimentos cardíacos, tem músicas relaxantes e insights para o seu dia. (app)

---

SEGUNDA PARTE

# Novo eu?

**NÃO QUERO LUXO NEM  
LIXO,  
QUERO SAÚDE  
PRA GOZAR  
NO FINAL.**

“Nem luxo nem lixo”, Rita Lee

## 4. Ser

Olhando de fora muita gente parece ser feliz. No meu caso, eu tinha um emprego dos sonhos, um excelente salário, saúde, uma boa reputação, alta verba de marketing (um sonho para qualquer profissional da área), morava sozinho num apartamento incrível em Ipanema (que cansou de circular em sites e revistas do mundo todo), tinha um namorado lindo, amigos hypados, ganhava muitas roupas e tudo que se possa imaginar, assistia a desfiles da primeira fila e entrava de graça em qualquer festa sem pegar filas. Mas, quando estava sozinho, só queria chorar.

Chegar até aqui não foi fácil — o que aos olhos de muita gente me daria motivos para viver rindo à toa. Nasci numa família de classe média baixa, morei toda minha infância no Méier, zona norte do Rio de Janeiro. Na minha adolescência, meus pais se separaram e, na época do Collor, meu pai perdeu o pouco que tinha e ficou desempregado por muito tempo. Meu primeiro emprego formal foi num curso de inglês, pois precisava aprender uma língua e não tinha dinheiro. Com o salário pagava a faculdade, que planejei terminar em oito anos (o dobro do normal), para pagar menos por mês. Vendia o vale-transporte que ganhava para complementar minha renda. Bancava minha mãe e irmã, que também não tinham emprego.

Sempre fui muito estrategista e criativo (talvez por viver com tão pouco, durante muito tempo), estudioso, observador e de fácil relacionamento. Eu não “conhecia ninguém” influente ou importante. Tive que dar meu jeito sozinho. Desde muito pequeno achava que por ser homossexual — e

ser bastante rejeitado na escola, onde morava e por alguns familiares — precisava ser mais e melhor que tod@s, para ser aceito, então sempre me esforcei muito. Na época não havia (ou pelo menos eu não conhecia) nenhum cara gay (por perto nem “na mídia”), com sucesso, que fosse admirado ou pelo menos tivesse uma vida “normal”, como os que não são.

Vivendo com restrição durante muito tempo, meu sonho era ser rico. Queria morar na zona sul, em casas e apartamentos que via nas novelas. Cheguei a pensar em fazer medicina ou arquitetura, pois era o que faziam alguns ricos que via na TV (rs). Estudei comunicação, trabalhei com vendas e, depois, meu primeiro estágio foi numa agência de publicidade. Costumo dizer que quem sabe vender pode fazer qualquer coisa da vida. E talvez o meu maior *case* tenha sido a marca “André Carvalhal” (quer dizer, eu mesmo). Uma marca que tinha muito para dar errado.

Entrar na FARM foi uma grande surpresa e um grande desafio. Minha qualificação profissional e experiência com internet me levaram até lá (me formei na primeira turma de pós-graduação de marketing digital do Rio de Janeiro), mas me sentia muitas vezes um peixe fora d’água. Eu tive que decodificar, aprender, viver e criar a “garota zona sul”, sem ser garota, muito menos da zona sul. (Confissão: eu nunca tinha ido à Babilônia Feira Hype, onde a marca começou, e sequer conhecia a FARM.) Se alguém me dissesse que daria certo, talvez eu não acreditasse.

Muita coisa incrível aconteceu. Só tenho a agradecer. Mas, quando olho para trás, sinto como se eu nunca tivesse sido realmente feliz (na vida). Era como se eu sempre estivesse buscando mais, querendo ou precisando de mais para ser feliz. A tristeza constante me levou a Piracanga, uma ecovila na península de Maraú (Bahia), à beira do rio e do mar, imersa numa natureza encantadora, onde funciona um Centro de Realização do Ser, com diversos cursos e terapias. Ouvei sobre o lugar numa palestra na Casa Sou.L e, na mesma hora, o Google me falou “Uma comunidade que acredita que a humanidade seja livre, feliz e viva em paz”. Era disso que eu precisava!

Depois percebi que o lugar divide opiniões: há quem goste e não goste. (Como sempre.) Decidi arriscar. Fui parar no retiro do chakra da expressão, pela minha disponibilidade de data. Chegando lá, vi que não poderia ter sido providência melhor. Além de o retiro ter sido incrível e eu



ter começado a me (re)conectar com o meu propósito, de quebra o lugar me deu um grande presente, que talvez seja realmente o início de qualquer transformação. Esse presente foi lembrar quem sou eu.

Há um tempo venho sentindo que o autoconhecimento é decisivo — para pessoas e marcas. É um dos maiores diferenciais de profissionais pessoas de sucesso e organizações. Esse foi o foco do meu primeiro livro, e hoje entendo que além de conhecer é preciso *reconhecer*. Tudo que passei serviu para me ajudar a reencontrar minha essência. Valorizar tudo que passei. Ter orgulho do que construí. Reconhecer minhas origens mudou o rumo da minha vida profissional. Tem pautado minhas escolhas. Agora, indo beeeem mais para trás, eu me reconectei a esta verdade: antes de qualquer coisa, sou parte da natureza.

Estar em Piracanga é lembrar que somos natureza, e que tudo está conectado. Descobri um lugar no qual projetos comunitários fazem parte da rotina. Novos valores humanos são colocados em prática e lembrados todos os dias, seja nos momentos de reunião da comunidade, nas tomadas de decisão coletivas (há um incentivo à gestão descentralizada), nos cursos, na escola, na celebração diária à vida — nas danças circulares. Nas aulas de surfe, de permacultura, de ioga e nos momentos de meditação coletiva.

Todos meditam, cantam e dançam, reverenciando a natureza. Às vezes o sol é amigo e beneficia a colheita, às vezes exagera um pouco e estraga as plantações. A chuva às vezes vem na medida; em outras, falta. Muitos acreditam que as forças controladoras do sol, da chuva, das inundações e das marés (os deuses lá de cima) precisam ser constantemente homenageadas.

Por respeito à saúde — nossa, do solo e da água —, são usados apenas produtos biodegradáveis (de pasta de dente a protetor solar). Dessa forma, é possível beber a água que sai da torneira. Em Piracanga o “lixo” não existe, eles reaproveitam tudo que é possível (de comidas a embalagens). Passei quase um mês lá e não produzi nenhum tipo de lixo. Quer dizer, somente alguns restos de comida. Mas estes voltavam direto para a natureza (são compostados).

A alimentação é livre de animais. Os banheiros secos são incríveis, pois, em vez de sujar a água, o que sai de “pior” da gente é utilizado para fertilizar o solo e gerar o bom alimento. A fonte da energia é

primordialmente o sol. E desta forma — cíclica — estar em Piracanga nos faz entender que nossa saúde tem a ver com a saúde do planeta.

Na “cidade grande”, damos descarga com água potável (enquanto milhares morrem de sede, 800 milhões não têm acesso a água potável e 2 bilhões não têm banheiro limpo) e estragamos a água com produtos cheios de química (depois gastamos dinheiro com companhias de tratamento de água). Dependemos de fontes de energia não renováveis. Nós nos habituamos a beber leite, comer bichos como se fosse natural (necessário até), esquecendo que eles são seres como nós (e o projeto Genoma já provou isso). Em Piracanga entendemos bem que somos responsáveis pelo meio à nossa volta. Saí de lá com uma consciência muito grande sobre meu estilo de vida, minhas escolhas de consumo e o quanto sou impactado sofro as consequências por isso.

“Estamos jogando uma partida arriscada com o futuro”, disse Frederic Laloux, no livro *Reinventando as organizações*. Acredite, não é à toa o que estamos passando. É uma resposta ao que temos sido. Vivemos tempos de grande restrição financeira no Brasil e em vários lugares do mundo. É cada vez maior o número de pessoas desempregadas ou levando seus empregos como camisas de força.

Quando olhamos para o planeta, vemos mais crise e tristeza. Muitos recursos naturais que sempre foram utilizados de forma irresponsável estão se esgotando, porque são consumidos numa velocidade maior que a capacidade de reposição. A produção de bens e o tamanho da população são maiores que a capacidade da natureza de fornecer recursos e “reciclar” resíduos organicamente.

Por isso, o aumento de períodos de seca, a escassez de água potável (já em cidades como São Paulo), o aumento da erosão do solo e o acúmulo de gás carbônico na atmosfera — que entre outras coisas causa o aumento de temperatura ambiente. Os efeitos desse desequilíbrio já podem ser percebidos também na economia. É preciso ir cada vez mais longe para pescar (encarecendo o preço dos produtos), diversas matérias-primas estão ficando cada vez mais caras e raras (é necessário gastar mais para manter a produção de tudo), enquanto na nossa própria casa já sentimos também as consequências, com a alta das nossas contas (de água e luz principalmente).

Ler isso tudo pode dar a sensação de que as coisas estão fora do nosso

controle. Mas isso se dá pela nossa incapacidade de entender de maneira profunda que somos nós que criamos o mundo, a nossa realidade. Muitas vezes, a maior tragédia é também o maior golpe de sorte que a vida nos dá (se você o enxergar assim). Através das dificuldades temos a chance de nos reinventar e reescrever a nossa história. Eu que já passei por grandes apertos, entendi o quanto a dificuldade, a liberdade e a colaboração são capazes de mudar tudo. E todos nós estamos aqui para evoluir juntos e cocriar este mundo.

Começo refletindo sobre a minha vida, falando de mim, para te estimular a pensar sobre você também. O que aconteceu com você até aqui? É hora de falar menos sobre roupa. Para a moda (o mundo) mudar é preciso mudar a forma como ensinamos, aprendemos e trabalhamos. É preciso mudar a nossa relação com a política. E até mesmo a forma como nos alimentamos, nos organizamos e vivemos. Não se pode mais pensar no conjunto geral das coisas externas de forma separada das coisas internas — o que somos. É preciso ser diferente.

## APROFUNDAMENTO

O autoconhecimento será uma das habilidades mais valorizadas no novo mundo. Seja para você ou sua organização, ter a clareza do SER será fundamental para fazer as melhores escolhas. Encontrar os melhores caminhos.



### Para assistir:

#### ■ *Eu maior* (documentário)

Para refletir sobre questões da sociedade contemporânea e a busca pelo autoconhecimento e a felicidade.

#### ■ *Mundos internos, mundos externos* (documentário)

Para entender os mistérios da existência humana.



### Para ler:

#### ■ *Ansiedade: Como enfrentar o mal do século*, de Augusto Cury

Para aprender a ir além do cansaço físico e emocional.

#### ■ *Um novo mundo: O despertar de uma nova consciência*, de Eckhart Tolle

Para vencer as artimanhas que o ego utiliza para isolar as pessoas umas das outras.



### Para meditar:

Mais um convite à meditação analítica. Desta vez, o foco é o seu mundo interior.

Na abertura do livro eu te convidei a escrever seu nome. Qual nome você

escreveu?

Bem, esse é o nome pelo qual as pessoas te chamam. É o nome que foi dado a você quando nasceu, que tem o importante papel de posicioná-lo no mundo. Mas ele não é você — é como as pessoas te reconhecem. Então, mais uma vez: Como você se chama? Como você se reconhece? Como você chama a si mesmo?

Encontre um lugar confortável. Repita o início da prática anterior. Defina o “nome” pelo qual somente você se chama e medite sobre quem é ele. Pergunte a você mesmo: Quais as diferenças e similaridades entre você e aquele que veem de fora?

**VOCÊ NÃO É  
QUEM VOCÊ  
PENSA QUE É.**

“O peso do meu coração”, Castello Branco

## 5. Ser humano

O (velho) mundo que construímos é baseado na exploração da natureza, movido a combustíveis fósseis não renováveis, como o petróleo, além de fertilizantes e pesticidas, que desestruturam nossa base ecológica e social, acabando com a terra e matando trabalhadores. O crescimento econômico é baseado no consumo de bens que consomem a natureza. Muitos deles são finitos e estão acabando. Não é exagero dizer isso, é uma triste realidade.

Nem nós nem as organizações vivemos sem recursos naturais. Dependemos de planetas, estrelas, plantas, comida, ar, água... E toda contribuição é fundamental para o (bom) funcionamento do todo. Ao passar a reparar e me relacionar mais com a natureza (é transformador, pode acreditar), comecei a perceber que tudo que está vivo está conectado, e depende do outro (lembre-se sempre disso!).

Dentre todas as transformações necessárias para chegarmos a um novo mundo, a primeira delas é recuperar nossa responsabilidade em ser humano. Lembrar que somos parte da natureza e estamos conectados a ela. Para isso será necessário estabelecer uma nova consciência na Terra.

Para alguns, criar um mundo novo pode parecer uma ilusão. Mas foi isso que aconteceu, várias vezes ao longo da história da humanidade. Passamos por uma série de etapas, relacionadas a níveis de consciência. Todas tiveram a ver com a conscientização sobre determinado tema. O desaparecimento de civilizações antigas, o fim da escravidão, a queda do muro de Berlim... A União Soviética sumiu do mapa em apenas dois anos.

Hoje elementos apontam que uma nova mentalidade vem surgindo, abrindo espaço para um novo mundo. O próximo grande tabu a cair por terra deve ser a noção de separação da humanidade com o mundo natural e a noção de que a economia (com suas empresas, o lucro, a ganância, o dinheiro, o poder...) é a coisa mais importante da vida.

Isso porque tanto o progresso científico quanto o econômico têm barreira no colapso ecológico. Podemos ganhar a vida eterna, mas em que condições de clima e ambiente vamos viver? Beijing está tão poluída que as pessoas não conseguem ficar ao ar livre. O mercado de purificação de ar está estourado. Os ricos constroem estufas nos jardins para respirar. Esse é apenas um dos exemplos.

Se a temperatura continuar aumentando, não vai ter água para dar conta de tantos aparelhos de ar-condicionado. Se as geleiras continuarem derretendo e inundando continentes, vamos precisar nos concentrar em outras terras. Mas construir novas terras (como Dubai, que falarei mais à frente) também demanda novos recursos que não teremos.

O crescimento da população em si já é um desafio, principalmente porque a alimentação de grande parte dela é baseada no consumo de carnes. Estamos devastando florestas para criar gado e plantar soja e milho para alimentar o gado. Esse desequilíbrio pode resultar na falta de espaço para produzir alimentos para alimentar humanos.

E se o tão esperado crescimento econômico voltar, se as pessoas voltarem a consumir como antes, a natureza não vai dar conta de prover recursos para produção. Do jeito que está hoje, a previsão é de que até 2050 não teremos petróleo nem água para as necessidades que criamos. Entende como é urgente fazermos as pazes com a natureza?

Isso tudo sem contar com o (alto) nível de estresse e desgaste energético, de um modelo mental no qual o “fazer mais, produzir mais, comprar mais” é a solução. Grande parte da sociedade atual funciona como engrenagem de uma grande fábrica com defeito. Ou seja, não vai dar certo.

Durante um tempo acreditou-se que Deus era responsável por muitos acidentes naturais (a própria passagem da arca de Noé reforça isso, quando, por causa do mau comportamento humano, Deus decide varrer da terra todos os animais). Mas está comprovado que muitos desses acidentes são reações a todo o desequilíbrio criado por nós.



Mesmo assim ainda são poucas as pessoas dispostas a abrir mão do seu estilo de vida e de “pequenos luxos” — como copos de plástico, canudo, desodorante aerossol, absorventes e fraldas descartáveis, certos alimentos (para tudo isso já existem novas opções). Mesmo já sofrendo as consequências das altas temperaturas e vendo as catástrofes ambientais, ainda não tivemos uma mudança de comportamento em massa.

Em 2015, o Acordo de Paris tinha como objetivo limitar o aumento da temperatura ao teto máximo de 2° C em relação aos níveis da era pré-industrial e continuar os esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5° C. Para tal, diversas concessões precisariam ser feitas. Muitas foram adiadas para depois de 2030 (quando provavelmente a temperatura já terá aumentado). Grandes países poluidores tentaram ratificar e romper o acordo.

Os únicos períodos na história nos quais houve redução do efeito estufa das emissões globais foram períodos de crise econômica e estagnação. Isso comprova que o distanciamento sobre “quem somos” e nossa origem criou um sistema “arapuca”, no qual todo crescimento em algum ponto nos desfavorece. É preciso inverter o pensamento de que a natureza está aí para nos servir, para o pensamento de que temos que servir a ela, pois precisamos dela.

A crença de que somos maiores e melhores que a fauna e a flora moldou o atual sistema legal, político e econômico. Em algum lugar do passado, o mundo pertencia a todos os habitantes, não existia distância ou separação. As pessoas falavam com as plantas e os animais, que eram sagrados. Reverenciávamos a natureza. As festas mais animadas e importantes eram as da colheita. Até que começamos a nos desconectar.

Mas por que nos damos o direito de explorar a natureza? Matar animais para comer? Sacrificá-los para realizar testes ou nos divertir? Interferir no ecossistema dessa forma? É aceitável obrigar que um animal trabalhe até ficar exausto? Ele pode não ser “humano”, mas já está comprovado pelas ciências biológicas que ele tem emoções. Só isso não basta? E por que para alguns maltratar um cachorro não pode, mas um rato ou um boi pode?

A verdade é que somos iguais à maioria dos animais. Quem diz isso não sou eu, é a ciência. O projeto Genoma (trabalho conjunto realizado por diversos países para desvendar o código genético de organismos vivos)

revelou que mais de 99% dos genes de um ser humano são idênticos aos de cachorros, gatos, pássaros, fungos e árvores. É isso, são todos nossos parentes, nossa família (!).

A vida (de todas as formas) é nosso parente biológico. Estamos conectados a tudo que está vivo nesta grande rede. Quando você pensa assim, a perspectiva muda de “Estou protegendo o mundo, a natureza, as árvores, a água, o ar, as pessoas...” para “Sou parte disso e quando protejo e cuido disso tudo, eu me cuido e me protejo”. O que você faz pelo mundo volta para você; esse é o princípio da ação e reação. Se você não acredita em mim, pesquise Newton.

Então o que dá base para a exploração? Poder? Consciência? Inteligência? Sendo isso, países e pessoas mais fortes podem se dar ao direito de explorar também? A questão é profunda. Às vezes, econômica e até religiosa.

O catolicismo sugere não darmos ouvido aos animais (ou será que somente à serpente não pode?). Na história bíblica da arca, após o dilúvio, Noé monta um altar ao Senhor e sacrifica alguns animais como oferenda. Mesmo chamando Jesus de “o cordeiro de Deus”, não me parece que o catolicismo inspire tanto respeito aos animais (me corrijam se eu estiver errado).

Já o judaísmo é um pouco mais amigável, sugere inclusive que os animais descansem no Shabat — mas isso não impede de matá-los. Outras religiões os santificam. No hinduísmo, por exemplo, muitos deuses ainda se parecem com eles. A religião tem como pilar a *ahimsa*, que sugere não dor, não violência e não maldade contra todos os seres (humanos e animais). Santificou vacas e proibiu o consumo de carne.

Alguns diriam que talvez a exploração se dê pela falta da “alma”. Mas esse é um assunto polêmico (uns acreditam, outros não). Fato é que até hoje a ciência não comprovou a existência da alma, nem em homens nem em animais. Mas, se fosse o caso, essa diferença daria direito à exploração? Lembro que aprendi no colégio, e isso me marcou muito, que a Igreja católica aceitava a escravidão pois acreditava que os negros não tinham alma. Hoje temos consciência de que qualquer tipo de exploração humana está errada.

Mesmo com o fim da escravidão, ainda parecemos apáticos e anestesiados em relação ao outro. Assassinatos, mortes, fome e miséria,

de tanto estamparem estatísticas, viraram apenas números para uns. O que você tem feito para melhorar a vida de quem está à sua volta passando necessidades? A gente anda na rua, passa por pessoas em estado de profunda “falta de humanidade” e segue como se fosse a coisa mais natural.

Mesmo que não se comprove a existência da alma, temos consciência. Esse é um grande diferencial do ser humano. E precisamos usá-la a nosso favor. Este momento que estamos vivendo é propício à expansão da consciência e do conhecimento de tudo que estamos tratando aqui. Precisamos ajudar a promover estes temas e pensar de forma crítica no nosso dia a dia. Por que, apesar de sabermos de tudo isso, temos tanta dificuldade em mudar?

Certo, a questão é cultural. Está enraizada, mas precisa ser revista, pois cada vez mais vamos precisar da natureza e de todas as pessoas para sobreviver. E para nossos negócios sobreviverem. Nosso sucesso está relacionado ao sucesso do outro e do planeta. Porque precisamos do outro para comprar e produzir o que fazemos. Precisamos do planeta para fornecer recursos para o que produzimos.

Ser humano é ser com os outros. Quando abraçarmos de fato a ideia de que somos uma coisa só e usarmos isso em nossa vida diária, mudando nosso estilo de vida, alimentação, produção e organização da sociedade com suas regras e leis, conseguiremos mudar o mundo. Esse é o primeiro passo para a transformação. A partir desse entendimento, as necessidades da natureza — planeta e pessoas — vão se equilibrar para determinar as necessidades do mercado.

Surgirá um novo tipo de consumo, no qual o luxo será baseado em bens intangíveis como tempo, silêncio, conexão, qualidade do ar e da água. Encontraremos novas formas de crescer, produzir, faturar, sem com isso acabar com nossa vida. Assim devolveremos o que tiramos da natureza. Compensaremos o impacto que causamos e permitiremos que se deixe regenerar o que esta “humanidade” vem destruindo.

## APROFUNDAMENTO



### Para assistir:

#### ■ *The Altruism Revolution* (documentário)

Para descobrir que se empenhar pelo bem da comunidade é um importante fator de adaptação e evolução.

#### ■ *Humano: Uma viagem pela vida* (documentário)

Para pensar sobre a felicidade, o propósito, a amizade, o amor, a fé, a infância e o medo, através da possibilidade de nos vermos no outro.

#### ■ *Cosmos* (série)

Para compreender revelações sobre o tempo e o espaço capazes de mudar a nossa percepção sobre quem somos.

#### ■ *Virunga* (documentário)

Para se emocionar com a coragem dos guardas do Parque Nacional Virunga, no Congo, empenhados em proteger os últimos gorilas-da-montanha de uma grande empresa de exploração de petróleo e gás.

#### ■ *Chasing Ice* (documentário)

Para observar os efeitos do aquecimento global em regiões glaciais. As imagens são tão fantásticas quanto surpreendentes.



### Para meditar:

Este é um convite para outro tipo de meditação, a guiada. Sugiro gravar o texto a seguir com sua própria voz, de forma lenta e bem pausada, e, após relaxar e se conectar com o momento presente e o lugar que escolheu para a prática, soltar o play.

A cada respiração eu me percebo. Vou desacelerando.

Me conecto com a energia vital que preenche meu corpo.

Eu tomo consciência de todo o meu corpo. Da minha pele. Do meu peso

sobre o chão. Da força do chão em minha direção. Então abandono meus esforços, para que a terra realmente me sustente.

Apoiado sobre a terra, eu me enraízo e sinto minha base se misturar com ela. Sinto seus nutrientes chegarem a mim. Sinto as energias da terra me preenchendo.

Minha respiração, cada vez mais profunda, me leva cada vez mais para o fundo da terra.

Sinto o calor da terra. Sinto como se estivesse novamente dentro da barriga da minha mãe.

Saio de dentro da terra em uma grande, farta e abundante floresta.

Reparo no verde, nas espécies, nas formas e nos movimentos que vejo ao meu redor.

Caminho em direção ao mar.

E, através do olhar, me conecto com o fluxo das marés. Cada onda que vai leva a minha inspiração. Cada onda que vem traz minha expiração. O ritmo é o da minha vida. Fico um tempo neste fluxo.

Agora vou subindo, flutuando. Me afasto cada vez mais desse mar e me conecto com o céu. Me conecto com o brilho das estrelas. Vejo a Terra ao longe.

Me conecto com o movimento dos planetas. A temperatura de cada um deles. E seu efeito sobre a Terra.

Minha respiração agora está encadeada. Se repete de forma cíclica e constante, como são os ciclos dos dias e das estações.

Essa corrente me energiza e preenche todo o meu ser.

Reconheço a satisfação de ser quem sou: uma parte orgânica deste todo. Agradeço com um leve sorriso.

Eu relaxo e integro minha presença, minha beleza e minha força ao poder da natureza.

Meu corpo todo entra em harmonia.

Eu me harmonizo com a natureza.

Eu me sinto livre e confortável neste fluxo de energia abundante.

Esta abundância, este fluxo, é a energia natural do meu próprio ser.

Eu me entrego e me sustento neste fluxo.

**PANE NO  
SISTEMA,  
ALGUÉM ME  
DESCONFIGUROU.**

“Admirável chip novo”, Pitty

## 6. Ser trans-humano

A aceleração dos avanços tecnológicos e científicos tem modificado profundamente nossa maneira de trabalhar, viver, consumir e nos relacionar. Mas, apesar de todas as grandes reviravoltas políticas, sociais, ambientais, econômicas, culturais, que fizeram parte da nossa história, uma coisa permaneceu igual, a humanidade. Até então, nascemos, crescemos, amadurecemos e morremos: do pó ao pó, como dizem.

Até que no novo mundo surge o trans-humanismo (ou transumanismo), um movimento para transformar (e superar) a condição humana através de aparatos tecnológicos, com o objetivo de aumentar nossas capacidades intelectuais, físicas, psicológicas e humanas. Para os transumanistas, o ser humano não é uma obra acabada. Ele pode (e deve) usar a tecnologia para ir além de seus limites (e ser quase... divino).

Pense na transcendência espiritual viabilizada pela ciência, através da junção do orgânico (matéria) com o cibernético. Substituir órgãos por dispositivos eletrônicos. Mas não só recebendo uma mão biônica ou um olho artificial. Mas nanorrobôs para investigar e curar doenças. Reprogramar nosso corpo, manipular a genética, o DNA. Fazer células voltarem no tempo, restaurar movimentos. Recuperar e expandir a memória. Aguçar a criatividade com backup na nuvem. Mais do que rejuvenescer, interromper o envelhecimento. Estabelecer uma nova cronologia. Existir fora da biologia. Dirigir nossa própria evolução.

Não sei você, mas tenho pouco interesse em morrer (tanta coisa boa parece estar por vir). A busca pela imortalidade sempre existiu. Será que

desta vez vamos ganhar do tempo? Enquanto isso, ao que tudo indica, vamos conviver com máquinas cada vez mais humanas — de acordo com Ray Kurzweil, à frente dos projetos de biogenética do Google, computadores assumirão uma importância transcendental — e seremos cada vez mais máquinas.

Se pararmos para pensar, já estamos quase lá. O celular já faz parte de nosso corpo, apesar de não estar acoplado nele (sem dúvida esse será o próximo passo). Em 2015 trabalhadores do centro de tecnologia Epicenter, de Estocolmo, receberam implantes de microchips para facilitar o trabalho (abrir portas, bater ponto, tirar cópias...). Aqui no Brasil o implante de chip com cartão de visita faz sucesso, o de reposição hormonal nem se fala.

Falta pouco para nossa “consciência” se conectar com a nuvem. Então enviaremos fotos e arquivos direto do cérebro (já tentou telepatia?). Até que nossas redes neurais serão substituídas (ou acrescidas) de softwares inteligentes. Imagine um neocórtex turbinado, e neurônios multiplicados por dez. Novas experiências sensoriais terão a ver com baixar e subir arquivos, assim como acessamos nossa memória hoje.

A série da National Geographic *A história de Deus*, com o ator Morgan Freeman, explora os mais diferentes pontos de vista sobre o divino, desde a criação até os milagres registrados na história. Logo no primeiro episódio mostra a história de Martine, uma especialista em tecnologia que ganhou bilhões em empreendimentos tecnológicos e farmacêuticos, e por medo de perder a esposa, Bina Rothblatt, criou Bina48, um androide recheado com memórias, crenças e valores.

O robô é uma espécie de clone, um experimento com a forma do rosto de Bina, para o qual foi transferida uma réplica da sua memória que ganha autonomia com base na inteligência artificial (fala, conversa e responde perguntas que não precisam estar pré-programadas). Uma consciência cibernética forjada pelo computador que passa a agir e falar como ela. Um jeito de burlar a morte. Ou “não frustrar a vida”, como disse Martine.

*Black Mirror?* Tipo isso. Alguém duvida? Eu não. Os mais fervorosos acreditam que há chance de a inteligência artificial tomar o controle de tudo, sobrepondo o homem. Fato é que a transformação será cada vez mais rápida. Em tempo real. O que vai ser do tempo? (Enquanto isso,



seguimos na nossa solidão acompanhada pelas redes sociais. Juntos e sozinhos. No silêncio do compartilhamento. Em busca de engajamento.) Isso tudo será melhor ou pior?

A filosofia transumanista é baseada na erradicação de qualquer forma de sofrimento causado por doenças, pelo envelhecimento ou mesmo pela morte (então para eles parece que vai ser bom). O propósito é alcançar as potencialidades máximas de desenvolvimento humano. Assim, seremos capazes de nos transformar em diferentes seres com habilidades enormemente expandidas a partir da condição natural, de modo a virar pós-humano, deixando em segundo plano a evolução biológica (um beijo, Darwin).

Mas como nos situar diante dessas evoluções? Quais são as consequências para a sociedade, para o planeta e para o próprio ser humano? Qual o limite? E quem deve decidir por isso tudo? Depois do projeto Genoma, este “novo homem” (novo, não apenas em termos mentais, mas também físicos) tem sido a principal pauta da ciência, que está preocupada não só com as evoluções, mas também com uma re colocação dos problemas éticos. Uma “nova ética”, que não cabe nas interpretações mais comuns da ética.

Vejam um exemplo. Nunca foi tão fácil e barato fazer exame de DNA (as maiores empresas são do Google, o.k.). O principal objetivo por trás disso é registrar o maior número possível de DNAs, mapear e identificar padrões que se manifestem em determinados tipos de doença ao longo da vida. Com base nisso, os transumanistas defendem a manipulação genética de embriões para eliminar doenças e escolher características vantajosas para os filhos, bem como implantes neurais que permitam a interação com computadores pelo pensamento, melhorando cognição, memória, concentração e humor, antes mesmo do nascimento.

Agora imagine um casal de cegos, grávidos. Eles têm o direito de definir que a criança seja cega também? Qual o limite entre isso e escolher a cor do olho (como já se faz)? A “consciência social”, que abordei em *Moda com propósito*, ganha uma nova roupagem. Como vamos chegar a esse ponto de biossegurança genética em seres humanos, se ainda não resolvemos as velhas controvérsias morais como aborto e eutanásia?

E como ficam os direitos humanos (garantidos pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos em 1950), uma vez que não seremos mais

humanos? Esses direitos foram definidos para proteger as capacidades inerentes ao ser humano, à sua natureza, ao que distingue o homem dos animais. Até então, o homem não era tecnológico, e ainda se admitia a existência de uma natureza humana e de uma dignidade humana como fundamento dos direitos. Terão eles seus direitos ampliados? E os direitos dos que não terão acesso a tudo isso, como ficam? Será a morte um novo nivelador social, entre os que têm dinheiro a pagar por sobreviver a ela ou não?

Bem antes de tudo isso acontecer (em 1970), influenciado pelo contexto de ameaça atômica, pelo aumento da população e pelos efeitos da produção industrial, Van Rensselaer Potter falou sobre a “Bioética: ciência da sobrevivência”. Para ele, a bioética devia nos proporcionar a sabedoria necessária para cuidar da vida — dos seres humanos (questão social) e de todo ecossistema (questão ambiental) a sua volta. Hoje a bioética volta com assuntos ligados à medicina (como o mapeamento de DNA e códigos genéticos), com a função de assegurar o bem-estar das pessoas, evitando possíveis danos, mas respeitando a vontade, as crenças e os valores de cada indivíduo.

Todo avanço sempre pode trazer benefícios. Seja um celular, seja um braço biônico, toda tecnologia pode ser usada para o bem e para o mal. Tomando conhecimento disso tudo, eu me pergunto: O que está em jogo, a quantidade ou a qualidade? Vai valer a pena continuar vivendo muito, mas desse jeito? É melhor ser humano ou um pouco mais do que humano? Enquanto não temos as respostas, uma coisa é certa, nosso tempo de vida é precioso, seja pouco ou muito. O tempo que temos é para ser vivido com intensidade. Celebrado. Isso é melhor do que qualquer vida eterna a qualquer custo. Eu aposto.

## APROFUNDAMENTO



### Para assistir:

Não tem como falar sobre ciência, tecnologia e comunicação nos dias de hoje sem citar a série *Black Mirror* — que virou brincadeira nas mesas de bar e nos grupos de WhatsApp (“Isso é muito blackmirror!” rs). O programa tem um pouco de tudo o que falamos aqui. Vale assistir para entender mais sobre o futuro que nos espera.

O que talvez você não saiba é que ela não trata apenas de ficção científica. Um artigo da *SuperInteressante* enumera algumas das tecnologias presentes nos episódios que já estão disponíveis no mundo real:

- **Humanoides (ou humanos andróides) do episódio “Volto já” (segunda temporada):** na vida real, já existem projetos de andróides indiferenciáveis dos seres humanos. O japonês Ricky Ma, apaixonado por desenhos animados e Hollywood, criou uma Scarlett Johansson robô que sabe conversar, tem várias expressões faciais e até pisca, flertando com o interlocutor.
- **Upload de consciência dos episódios “Versão de testes” e “San Junipero” (terceira temporada):** existem pessoas trabalhando a fim de transferir a consciência humana para um computador. [...] Ray Kurzweil, cientista e engenheiro do Google, é outro que está trabalhando nisso, e diz que até 2045 a tecnologia será acessível a muitos.
- **Chatbot do episódio “Volto já” (segunda temporada):** *chatbots* são programas de computador que tentam simular a interação de um ser humano numa conversa (muito usado em centrais de telemarketing hoje em dia). Nessa onda, a engenheira russa Eugenia Kuyda criou um aplicativo chamado Luka, idêntico ao serviço da série. [Ela] usou mensagens e posts das redes sociais de um amigo morto, Roman Mazurenko, para criar um banco de dados a partir do qual a inteligência artificial se alimenta para bater papo com qualquer pessoa, reproduzindo suas palavras, jeitos e brincadeiras ao cruzar dados do histórico.
- **Lentes de realidade aumentada do episódio “Toda a sua história” (primeira temporada):** olhos que conseguem filmar, fotografar, passar

filmes só para você, mostrar informações sobre as pessoas ao seu redor, analisar o ambiente e, de quebra, transformar a realidade em jogo. A Samsung registrou, em 2016, uma patente para a produção de lentes com microcâmeras integradas e conexão wi-fi, que seriam controladas pelo smartphone e possibilitariam uma experiência de realidade aumentada online, idêntica à da série. Os óculos da empresa Snap Inc. conseguem gravar dez segundos de vídeo. Já o Google foi mais fundo (literalmente) e prometeu um chip injetável para os olhos humanos, com as mesmas funções das lentes da Samsung.

- **Manipulação de memória dos episódios “Urso branco” (segunda temporada) e “Engenharia reserva” (terceira temporada):** manipulando um neurotransmissor (a acetilcolina), cientistas conseguiram fazer com que memórias assustadoras de ratos fossem apagadas. Outros têm trabalhado para esticar memórias selecionadas para durarem o máximo possível. A ciência acredita também que é possível apagar rastros de sentimentos, como o medo. [...] O laboratório do Pentágono (de onde vieram a internet e o GPS) já trabalha há anos com aparelhos de estimulação magnética que conseguem instigar ou suprimir emoções em pleno campo de batalha.
- **Abelhas robôs do episódio “Odiados pela nação” (terceira temporada):** as abelhas estão de fato sumindo. Para contornar isso, um grupo de cientistas de Harvard está trabalhando em uma abelha drone, para ajudar na polinização e evitar um colapso mundial dos ecossistemas (não para matar pessoas, como na série). Por enquanto, o robzinho — batizado de RoboBee — ainda tem problemas para voar e gasta muita energia, mas os cientistas dizem que estão mais perto do que nunca de criar um modelo eficiente de simulação do voo das abelhas.
- **Cachorro robô do episódio “Metalhead” (quarta temporada):** há diversos animais robóticos, principalmente cachorros, já disponíveis no mercado para venda — mas não com a finalidade de matar. O mais famoso é o AIBO, da Sony, um cachorro que simula muitos traços de um cachorro real. [...] O robô conta com inteligência artificial para reconhecer rostos e sons. Assim como nós, ganha noção espacial com o passar do tempo.
- **Casa inteligente do episódio “Natal” (segunda temporada):** já é possível há algum tempo usar o celular para acender e apagar a luz de cômodos e transmitir comandos a aparelhos eletrônicos. Em 2016, cientistas do MIT e

do Laboratório de Inteligência Artificial de Computação e Ciência (CSAIL) criaram uma inteligência artificial capaz de detectar emoções e interagir com elas. Essa tecnologia permite deixar a sua casa preparada para raiva, medo, alegria e até para um consolo quando você estiver triste (imagina!). [...] É a internet das coisas ganhando espaço na nossa vida.

FONTE: Ana Carolina Leonardi e Helô D'Angelo, "Black Mirror: 11 tecnologias da série que já existem na vida real". *SuperInteressante*, 24 out. 2016.

**SOMOS OS  
FILHOS  
DA REVOLUÇÃO,  
SOMOS O FUTURO  
DA NAÇÃO.**

"Geração Coca-Cola", Renato Russo

## 7. Ser mil

Uma imagem vem à mente: um solteiro de 43 anos cheio de problemas psicológicos, morando numa quitinete minúscula cujo aluguel custa 2 mil reais por mês, passando pelos perfis do Tinder obsessivamente e tuitando sobre o último lançamento da Palace para um público de outros *millennials* desesperadamente solitários.

A mente em questão é a de Hannah Ewens, na matéria “O que vai acontecer quando os *millennials* crescerem?”, da *Vice*, de outubro de 2016. Na mesma matéria, o especialista geracional Jason Dorsey diz ainda que muita gente da nossa geração vai chegar aos quarenta e entrar em pânico porque não tem o suficiente acumulado para viver quando se aposentar. E, para os leitores da revista, o maior medo é chegar lá e não encontrar um amor.

Bem, eu sou otimista. Nasci em 1980, bem na virada geracional, e por pouco sou um *millennial* e faço parte da geração Y, como todos nascidos entre 1980 e 1999 — os mais novos, pós-virada do milênio, nascidos no começo dos 2000 fazem parte da chamada geração Z. Você sabe por que falam tanto da gente? Por que se preocupam tanto com nosso futuro? E fazem previsões negativas? Vou explicar. Mas antes, preciso comentar:

Quando eu me aposentar, não vai mais existir Tinder ou Twitter. Nem imagino como serão e qual força terão as redes sociais (serão redes de teletransporte ou holográficas?). Tomara que eu não tenha encontrado “o” amor da minha vida, pois quero passar por aqui tendo vivido váááários amores da minha vida. Fato é que não dá para pensar no futuro

com a cabeça de hoje. Não dá para usar os mapas atuais para chegar a destinos desconhecidos. Pronto, falei (*millennials* são rebeldes).

Chamam a gente de “geração EU” (“*me generation*”), mas não consigo parar de pensar em “geração NÓS”, considerando tudo que está acontecendo. As novas gerações viram o “propósito” deixar o contexto religioso e ser incorporado pela cultura pop. Cresceram ouvindo falar (e cantar) sobre propósito. Ouviram (ou não) Justin Bieber, maior fenômeno musical do YouTube, lançar um álbum chamado *Purpose* [Propósito], e Lady Gaga falar que não quer fazer dinheiro, quer fazer a diferença. Até eu lancei um livro sobre propósito que virou hit nas faculdades (hehe).

Uma pesquisa realizada em 2015, nos Estados Unidos, pela Cone Communications, com *millennials*, descobriu que 91% trocariam marcas por outras associadas a um propósito. No mesmo ano, outra pesquisa, da Deloitte, também nos Estados Unidos, ouviu que 84% deles preferem fazer diferença no mundo a ter reconhecimento profissional. Está vendo, não tem como acabar deitado no sofá J.

## FORÇA JOVEM

Independentemente do rótulo, as gerações mais novas sempre serão rebeldes a bola da vez. Os jovens têm um papel importante na cadeia de influência, pois representam o espírito de uma época, e são referência para os mais novos e os mais velhos — afinal, a “juventude eterna” é um dos principais mitos culturais que conhecemos, e desejamos.

Eles serão sempre alvo não só de comentários, mas de observação também, pois vivem e são impactados pelas transformações do mundo e formam o mercado consumidor e produtor do futuro. Por isso, é importante olhar para os movimentos geracionais e prestar atenção ao que eles nos dizem, independentemente de concordarmos ou não.

As novas gerações sempre apontam para onde estamos indo. Elas sempre colocam em prova o que pensam as gerações anteriores e causam esse tipo de sensação, de que tudo vai ser pior (rs) ou melhor, dependendo da geração em que você está. Sempre chegam para romper com todos os modelos anteriores. Isso permite que os jovens sejam sempre mais livres, contraventores, transformadores. Mas nem todo



jovem é igual. A cada geração eles são impactados pelo contexto mundial e representam o Zeitgeist da época.

Os *baby boomers*, nascidos entre 1940 e 1959, viveram o pós-guerra, a ditadura, a repressão. Por isso eram mais idealistas e revolucionários. Compravam ideologias e marcas. A geração X, nascida entre 1960 e 1979, pegou a transição das estruturas políticas. A hegemonia do capitalismo selvagem, da meritocracia nas empresas. Por isso eram mais materialistas, competitivos, individualistas. Lutavam para sobreviver e consumiam status. A geração Y (*millennials*) nasce entre 1980 e meados dos anos 1990, em meio à globalização e ao surgimento da internet. São mais globalizados, abstratos e questionadores. Buscam mais experiências do que produtos.

## RETRATO DOS MILLENNIALS

A “geração da transição”, como também é chamada, é assim:

**Conectada:** Por ser a primeira geração a conhecer a internet e conviver desde cedo com tecnologias digitais, está sempre conectada e em redes sociais. Essa característica lhes trouxe a capacidade de lidar com a diversidade e experimentar ou buscar mudanças mais rapidamente (e o tempo todo). São naturalmente especializados em tecnologia e desenvolvem múltiplas habilidades. Jogam enquanto trabalham e trabalham enquanto jogam. Os *millennials* executam múltiplas tarefas e fazem malabarismo.

**Consciente:** A internet favorece o fluxo de informação. Mostra o que está acontecendo no mundo todo, por trás das marcas e com as pessoas. Isso aumenta o nível de consciência, de engajamento político e com causas. Faz com que eles queiram mais dos produtos, das empresas, das pessoas. Mais produção local, menos hiperconsumo. Mais educação, menos academia. Mais trabalho, menos emprego.

**Disruptiva:** Testa novas maneiras de se relacionar esteticamente com o mundo. Desafia tendências e padrões para construir uma nova realidade. Subverte conceitos estabelecidos e impõe novos modelos. É ao mesmo tempo criadora e consumidora da nova economia. Uma geração independente que experimenta novas relações de trabalho, educação,

produção e consumo. Deseja mais uso, menos posse. Mais fazer, menos dizer. Mais ser do que ter.

**Fluida:** Transita por vários ambientes. Aspectos como idade, gênero, localização geográfica ou status são tradicionalmente usados na demografia para definir uma geração. A novidade: como *millennials*, somos a primeira geração pós-demográfica — a que não cabe mais dentro desses parâmetros. Ideologia política, fronteiras, relações pessoais e comunitárias... vivemos um momento de fluidez e instabilidade sem paralelos na história.

**Sustentável:** Nasce e vive em meio a desastres e crises financeiras, ambientais e sociais. Viveu o Onze de Setembro, o Katrina, o tsunami na Tailândia, o Plano Collor, a UPP e a Cracolândia. Por consciência ou instinto, vê a sustentabilidade ambiental, social e cultural não só como uma questão de ideologia, mas como sobrevivência.

**Livre:** Pessoas de todas as idades, gêneros, raças e credos vêm construindo uma nova identidade com uma liberdade nunca antes experimentada. Desinstitucionalizar o modelo parece estar mais fácil e ser mais aceito pela sociedade. Eles têm mais opiniões e criatividade, mais que qualquer outra geração. Vem daí a liberdade e a inovação.

**Propósito:** Vida e trabalho se misturam. Cresceram vendo os pais sacrificarem suas vidas pessoais por objetivos profissionais e não estão dispostos a fazer o mesmo. Em geral, procuram propósitos, especialmente no trabalho. Substituem “carreira estável” por “realização profissional” e “siga o seu sonho”. Não se impressionam com promessas de crescimento profissional para daqui a dez anos. Querem saber o que farão amanhã e qual será o próximo desafio. Terão várias carreiras ao longo da vida, até que se sintam encaixados com seu propósito. Além disso, vão tentar fazer a diferença.

**Alta performance:** Trabalham e aprendem não com a cabeça, mas com a ponta dos dedos. Veem a internet como uma extensão do Q.I. Têm acesso a, e sabem instintivamente como achar, qualquer informação. São um desafio para chefes e professores, podem ensinar muito a eles.

**Imagéticos:** A vida social está na internet, exposta através de fotos, vídeos, textos, *rating*, *likes*. Sabem construir e gerir imagem. Veem valor nisso. São influenciados por elas. E são potencialmente “influenciadores”

digitais. Por outro lado são mais criteriosos, vivem a crise de perda de significado das marcas e da propaganda e, por isso, são exigentes com imagens geradas por marcas e outras pessoas.

Além disso tudo, são otimistas com o futuro. Afinal, tem como não ser otimista sendo assim? Mais um ponto relevante a ser observado é que, apesar de nativos digitais, a internet e a conexão (principal influência geracional) não são exclusivas de quem nasceu a partir de 1980. Hoje grande parte da população tem acesso a ela. Isso faz com que estejamos vivendo também o fim das gerações tal como as definíamos. Hoje todo mundo pode ser ou se comportar como um *millenial*.

## APROFUNDAMENTO



### Para assistir:

O site Guia da Semana (São Paulo) fez uma lista de filmes que vão te ajudar a entender mais sobre a geração Y:

- *Os estagiários* (2013): O escritório do Google usado como ambiente para esta comédia é como um paraíso para a geração Y: ali, computadores já são coisa do passado — a internet está no bolso, na sala de aula, na vida. O filme ainda mostra duas outras características dos Ys: eles atingem cargos altos rapidamente e são vitrificados na cultura pop dos anos 1990 e 2000.
- *A rede social* (2010): Ainda no tema internet, *A rede social* traz uma biografia importante para a nova geração — com um personagem que pertence a ela. Mark Zuckerberg, criador do Facebook, sabe tudo sobre informática e nada sobre relações humanas (assim como os garotos de *Os estagiários*). Ele é genial o suficiente para captar o desejo dos seus colegas de faculdade e transformá-lo numa ferramenta mundial, mas tem as motivações mais egocêntricas por trás disso. Típico de um Y.
- *Bling Ring: A gangue de Hollywood* (2013): Usar a internet para satisfazer desejos individuais não é exclusividade do sr. Zuckerberg. Em *Bling Ring*, um grupo de adolescentes ricos combina informações de sites de fofocas para saber quando as celebridades estarão viajando e, assim, assaltar suas casas. A confusão de ficção e realidade que envolve a fama em Hollywood está por trás dessa atitude e é um dos traços mais perigosos dessa geração.
- *VIPs: Histórias reais de um mentiroso* (2009): Mais um exemplo de ficção e realidade que se misturam: Marcelo Nascimento da Rocha construiu sua vida e sua fama sobre uma grande fantasia, fingindo ser parente de pessoas poderosas, como o dono de uma companhia aérea, só para se sentir parte de um universo diferente do seu. A história real, registrada nesse documentário e num livro homônimo, inspirou o filme com Wagner Moura.
- *Em boa companhia* (2004): A lógica é simples: a geração X ganhou muito

dinheiro e, com isso, colocou os filhos em boas escolas e ensinou a eles que educação era a chave para aquele dinheiro todo. Além disso, esses filhos tiveram à sua disposição a internet, que passou a exigir um raciocínio cada vez mais rápido. O resultado? Eles ganharam os cargos dos pais — com metade do salário e o dobro da eficiência. No filme, Dennis Quaid vive um chefe de vendas de uma editora que se torna subordinado de um garoto de 26 anos.

- *Ted* (2012): Sabe aquela velha síndrome do Peter Pan? Para a geração Y, isso não é apenas um sonho distante, mas uma questão prática: morar sozinho é caro, e a nostalgia é uma válvula de escape necessária para o excesso de trabalho e informação a que são expostos. Mesmo não carregando seus ursos de pelúcia de um lado para o outro como o protagonista de *Ted*, os Ys mantêm um olho nos seus heróis de infância e outro nos seus pais, que os sustentam até depois dos 30 anos.
- *Juno* (2007): Quando “desapego” é a regra, isso pode valer até mesmo para mães e filhos. Juno é uma adolescente que engravida por acidente, ao dormir com seu melhor amigo. Prestes a jogar fora sua tão merecida juventude (e com ela os estudos e o próprio amor juvenil), ela decide entregar a criança a outro casal. Moderninha, não?
- *Toy Story 3* (2010): Nunca foi tão difícil para uma geração se desligar dos seus brinquedos quanto para os Ys. Nostálgicos aos vinte anos, esses jovens parecem ter acelerado tanto pela evolução da internet, dos games e da indústria cultural (com seus gadgets imediatamente obsoletos), que a noção de “passado” se tornou cada vez mais próxima. Assim, lembrar de brinquedos tão simples quanto bonecos articulados se tornou “cult” com a ajuda da trilogia animada.

FONTE: Juliana Varella, “13 filmes para entender a Geração Y”. Guia da Semana (São Paulo), 29 ago. 2013.